

A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE (TRANS)FORMAÇÃO: HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA-MULHER DE MEIA-IDADE

Francisca Neta Sales¹

Emerson Augusto de Medeiros (Orientador)²

RESUMO

A educação do campo tem sido tema de discussão recorrente no meio acadêmico, entretanto, há lacunas para que sejam observadas questões relativas à formação docente e seus vieses epistemológicos no que trazem a mulher camponesa e seu processo de (trans)formação ao centro das discussões. Dessa forma, este artigo traz como objetivo refletir sobre os processos formativos de uma professora-mulher de meia-idade e sua imersão na docência na escola pública. A fim de estruturar as ideias numa relação de sentido, entrelaçamos as vivência de gênero no contexto familiar, as motivações e os processos formativos, com ideias não lineares relacionadas ao tema em formatos de subseções, onde estarão contidos os conceitos constituídos da revisão da literatura. No que se refere aos caminhos metodológicos, situamos numa abordagem de natureza qualitativa, visto o interesse pelo diálogo com a teoria e a sua interpretação fenomenológica com o campo epistemológico. Propõe um projeto de investigação no município de Caraúbas/RN, que visa identificar a principal motivação da mulher camponesa tornar-se professora depois da meia-idade. Aspiramos que este estudo contribua no campo teórico-prático no ensino formativo no tocante à educação do campo, especialmente para as mulheres de meia-idade que acreditam na educação como processo de emancipação e transformação.

Palavras-chave: Educação do campo, formação docente, Mulher de meia-idade.

INTRODUÇÃO

O cenário educacional tem passado por transformações significativas nos últimos anos, especialmente no contexto universitário. Os estudos mostram que cada vez mais o perfil do alunado universitário está mudando, é normal se encontrar não apenas jovens nos diferentes cursos como também pessoas de mais idade que buscam obter uma formação acadêmica para melhorar suas perspectivas de vida pessoal e profissional. Nesse contexto, destaca-se a mulher de meia-idade, que traz consigo uma rica bagagem de vida e experiência.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ensino – POSENSINO (UERN-UFERSA-IFRN), augusta_sales@hotmail.com

² Doutor em Educação. Professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PosEnsino/UFERSA). emerson.medeiros@ufersa.edu.br

O mais recente Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) destacou um significativo aumento de 27,7% no número de alunos com mais de 40 anos nas instituições de ensino superior. Dados do IBGE informam uma reversão do quadro de desigualdade de gênero, com as mulheres consolidando cerca de 60% entre os formandos mais jovens nos últimos quatro censos. Revelando assim, a transformação no cenário educacional, onde as mulheres de meia-idade estão cada vez mais buscando uma formação acadêmica.

Diante desse contexto, trago em pauta a professora-mulher de meia-idade e seu processo de (trans)formação ao centro dessa discussão. Partindo da hipótese de que essa mulher traz consigo uma história permeada por desafios, obstáculos e superação na busca de alcançar seus objetivos educacionais. Pois ao optar por iniciar sua formação em uma fase da vida em que muitos podem considerar tarde demais, essa mulher desafia noções pré-estabelecidas sobre o tempo e o potencial de aprendizagem. Sua presença nos bancos universitários não é apenas uma busca por qualificação, mas também uma afirmação de sua própria dignidade e capacidade de contribuir de maneira significativa para a sociedade.

É nessa fase de amadurecimento que a mulher sente maior seriedade para lidar com as mudanças que acontece na sua vida. É uma fase permeada por muitas transformações, seja de ganhos ou perdas, sociais ou psicológicas, sendo possível supor que essa mulher diante de tantas adversidades superadas, possa alcançar resultados positivos tanto no avanço de seus estudos, quanto na construção de suas histórias pessoais e profissionais. Onde muitas vezes enfrentam barreiras no que inclui conciliar estudos com responsabilidades familiares e profissionais já estabelecidas, além de lidar com possíveis barreiras sociais e econômicas que podem surgir durante seu retorno aos estudos.

Segundo Margis e Cordioli (2001), é nesse período que a pessoa faz uma autoavaliação de si, de sua vida e projetos, rever suas escolhas e atitudes, questiona todo percurso já vivido. Sendo normal nessa fase de vida a mulher rever suas prioridades e buscar realizar seus sonhos. Nessa perspectiva Leonel (2016, p.12) explica que o “projeto e o sonho parecem dar a cada mulher um sentido para sua vida, um desejo de viver para realizá-lo”. Se fortalecendo para alcançar seu projeto de vida e aumentar assim, a sua autoconfiança, sua autoestima.

Ao conseguir terminar a licenciatura, a professora-mulher de meia-idade enfrenta mais um grande desafio, que é a sua entrada na docência, mais especificamente na sala

de aula. Onde ao término de sua formação, essa mulher não se torna apenas uma profissional qualificada, mas também uma agente de mudanças na educação. Sua entrada na docência traz consigo uma riqueza de experiências de vida e uma compreensão única das necessidades e desafios dos alunos. Elas não apenas transmitem conhecimento, mas também servem como modelos inspiradores de perseverança, determinação e dedicação.

Diante desse cenário trago em pauta na construção deste trabalho como objetivo refletir sobre os processos formativos de uma professora-mulher de meia-idade e sua imersão na docência na escola pública. Para uma melhor estruturação, está organizado em duas seções: a) vivências de gênero no contexto familiar; b) Processos formativos: motivações e desafios enfrentados na formação docente. Todos com ideias não lineares relacionados ao tema. Nos caminhos metodológicos, será situado numa abordagem qualitativa. Buscando, assim, entender e apoiar o processo de inserção da mulher de meia-idade no ensino superior, para que assim mais mulheres sintam-se motivadas a buscar uma formação.

PARA COMEÇO DE NARRATIVA...

A história de vida da mulher do século XX é permeada por desafios únicos e muitas vezes desencorajadores quando se trata da sua emancipação em uma sociedade patriarcal e impositiva. A grande dificuldade para quebrar esse paradigma machista está no fato de que as mulheres eram preparadas para desempenhar funções domésticas, cuidar do lar, do marido e dos filhos.

De acordo com Vieira, Santos e Oliveira (2022), estudar sempre foi um desafio para as mulheres. Mesmo as pertencentes a famílias abastadas ficavam completamente excluídas do direito à educação formal. Pois essa era reservada exclusivamente aos homens, já que o conhecimento científico não era considerado apropriado para as mulheres. Suas funções sociais, limitadas ao espaço doméstico como esposas e mães, exigiam apenas habilidades e conhecimentos inatos. A instrução era vista como “contrária tanto ao papel das mulheres quanto à sua natureza: feminilidade e conhecimento se excluem, pois, uma mulher culta não é uma mulher” (Perrot, 2015, p. 93).

A presença feminina no contexto da História da Educação, assim como a importância de seu papel como educadora no desenvolvimento e na expansão da Escola Pública, constitui uma importante categoria de análise. Essa perspectiva permite compreender um aspecto crucial das relações sociais. O fato de que o sujeito está

impreterivelmente condicionado por elas, mas essas relações nem sempre são recíprocas, pois forjam e são forjados pelos sujeitos.

Foi durante os séculos XIX e XX, que observamos uma significativa transformação no papel da mulher dentro do sistema educacional. Antes muitas vezes excluída das oportunidades instrutivas, relegadas a um fator secundário, passaram a assumir um papel fundamental na educação, tornando-se indispensável na formação de cidadãos aptos para viverem e comportarem-se de forma íntegra na sociedade. Esse percurso histórico evidencia a complexidade e espontaneidade das relações de gênero no âmbito educacional.

A mulher ao longo dos anos encontrou inúmeras barreiras sociais e culturais que dificultaram seu acesso à educação. A sociedade sempre a colocou como capacitada apenas para cuidar do lar, da família. “Os saberes que constituíam o currículo da filha, esposa, dona de casa, estavam vinculados aos conhecimentos tradicionais da mãe” (Vieira, Santos e Oliveira, 2022, p. 6). A sua educação era restrita a aprender as habilidades consideradas próprias as funções de ser uma boa esposa e mãe.

Essa realidade impulsionada pelos movimentos sociais e políticos que defendem a igualdade de gênero e o direito a educação para todos, vem modificando-se. Pois, a partir do momento que a mulher começa a ingressar no sistema educacional, não consegue apenas sua própria educação, elas também se tornam educadoras, pedagogas e administradoras escolares (Vieira, Santos e Oliveira, 2022). A sua presença nas escolas e universidades trouxe novos métodos de ensino e novas perspectivas, contribuindo assim, para um ambiente educacional mais diversificado e inclusivo. Por sua vez transformando como um todo a sociedade.

A inserção da mulher no campo educacional, teve um profundo impacto na promoção da igualdade de gênero, na luta pelos direitos civis e na capacitação econômica. Ao quebrar os estereótipos de gênero, essa inclusão abriu caminho para as futuras gerações demonstrando que as mulheres são capazes de atuar com competência em todas as esferas educacionais. Esse movimento não apenas desafiou normas enraizadas, mas também proporcionou modelos positivos para as mulheres de todas as idades, encorajando-as a perseguir suas ambições acadêmicas e profissionais.

A presença feminina em todos os segmentos da educação, como nos diferentes segmentos sociais, políticos e culturais continua sendo um pilar fundamental na construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos têm a oportunidade de alcançar seu pleno potencial, independentemente de gênero.

METODOLOGIA

Considerando o objetivo principal destacado nos elementos prólogos deste artigo, proponho aqui apresentar uma metodologia da qual entende-se viável e eficaz à aproximação das respostas do que se propõe. Para isso, construirei, antes de tudo, um breve referencial metodológico a fim de prover a base conceitual dos princípios e processos que buscaremos seguir na abordagem deste estudo.

Caracterizo primordialmente esta pesquisa a partir da abordagem *qualitativa*, com viés *exploratório*, a qual busca subjetivamente lidar com os significados dos fenômenos vivenciados no campo epistemológico em foco, ou seja, os saberes da experiência [no campo] articulados à formação acadêmica. Sobre essa relação com as significações, Bogdan e Biklen (2010) nos apresentam a ideia de “significado” como ideias estruturantes na pesquisa qualitativa, firmados nos princípios de compreensão dessas vivências no campo, bem como as interpretações acerca das representações que esta mulher campesina constrói acerca de si e dos seus lugares de pertencimento.

Nesse sentido a percepção sobre essas representações sociais da vida no campo relacionada à formação da mulher de meia-idade nos bancos universitários, permite que o pesquisador perceba e evidencie a importância de tal discussão no âmbito das pesquisas sociais, coisa que para muitos poderia ser trivial. Compete ao pesquisador ter esse olhar curioso sobre os acontecimentos da vida cotidiana, seja na universidade ou em qualquer outro contexto social, uma vez que, na pesquisa qualitativa um dos seus papéis está relacionado à construção de sentidos de coisas simples, ou mesmo que parecem óbvias (Turato, 2005; Villegas e González, 2011).

De acordo com Villegas e González (2011, p. 41), “o contexto em que desenvolvemos nosso cotidiano é carregado de particularidades e subjetividades transcendentais, embora, à primeira vista, não pareça”, logo, não podemos minimizar a pesquisa a partir de temas pela sua obviedade, ao contrário disso, o contexto aparentemente óbvio tem muito a nos dizer.

Quanto aos métodos de coleta e análises de informações, busco um percurso dialógico a partir da narrativa de uma professora mulher de meia-idade. Antes de tudo, é compreendida como pesquisa narrativa todo e “qualquer estudo que use ou análise material narrativo” (Lieblich *et al.*, 1998, p. 2), no caso desta proposta de pesquisa,

narrativa autobiográfica de uma professora/mulher de meia-idade da cidade de Caraúbas. Durante o percurso narrado sobre sua trajetória de vida será observado os diferentes percursos narrados pelas suas experiências nas diferentes etapas da sua formação acadêmica, pois, Costa (1997, p. 8) nos lembra que “narrar é (re)construir verbalmente o presente, as lembranças e os desejos, é (re)elaborar a experiência individual no passado comum”.

Foi escolhido seguir um roteiro em forma de perguntas para que assim se pudesse ter um melhor entendimento. Dessa forma o roteiro seguiu as seguintes questões: 1 - quais motivos a levou a ingressar no ensino superior depois dos 40 anos? 2 – porque escolheu um curso de licenciatura? 3 – como você se vê no espaço acadêmico e como percebe que os outros a veem? 4 – como você se via antes do curso e como se vê agora como professora? 5 - Quais suas maiores dificuldades em ser professora depois da meia-idade? 6 - Qual a perspectiva de futuro?

Embora, os instrumentos de análises de dados, não tenha sido detalhada nesta seção sumária, o processo de interpretação desses fenômenos encontra sua base na hermenêutica, por ser uma área que lida com a compreensão da ação humana como forma de desocultar, questionar e traduzir os fenômenos (Palmer, 2006).

Espero, portanto, que com este trabalho levante-se discussões não somente no que se refere aos desafios epistemológicos delineados pelo contexto apresentado, mas também que sejam repensadas perspectivas inclusivas em torno desses aspectos sociais que estão relacionados diretamente à formação profissional docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a) Vivências de gênero no contexto familiar

Nascida e criada na zona rural do município de Caraúbas, no Estado do Rio Grande do Norte, sou a sétima filha de uma família numerosa, composta por nove irmãos. Durante minha infância, vivi sob uma educação rígida, característica que era bastante comum para as mulheres da minha época. A geração a qual pertencio foi criada sob forte influência do patriarcado, “um sistema de comando que reproduzia a autoridade do patriarca no interior da família” Aguiar (1997, p. 175), significando assim o conservadorismo das organizações familiares.

Durante minha infância, não tinha direito nem a fala, pois não podíamos nos expressar perante os adultos. Sempre renunciando ao direito de sonhar com um futuro melhor em prol de outras prioridades determinadas pela família, depois pelo marido, quando me casei. Estudar sempre foi um grande desafio. Nossa educação no sítio era voltada a aprender o básico, visto que só existia uma escola na comunidade e a professora, apesar de fazer o que podia para alfabetizar seus alunos, não tinha uma formação. Para que pudéssemos continuar com os estudos, tínhamos que nos deslocar para a cidade, pedalando por dezoito quilômetros de bicicleta, pois não havia transporte escolar nessa época. Esse privilégio era para poucos, principalmente no que se tratava da figura feminina.

Com essa base formativa, sobretudo a familiar, passei a acreditar que meu único propósito era obedecer aos meus superiores, e que jamais seria capaz de obter uma formação universitária. Com esse pensamento de desvalor, muito jovem casei-me, tive filho, e assim, segui aquilo que a impositiva sociedade patriarcal me ofertou: esposa e dona do lar.

Após o casamento, não continuei meus estudos a pedido do meu esposo, que desejava que eu me dedicasse exclusivamente às tarefas domésticas e à nossa família. Ele acreditava que sua esposa não precisava estudar e que a educação formal não era necessária para o meu papel dentro de casa. De acordo com os preceitos aos quais fui criada, “uma mulher casada tinha que se submeter à autoridade do marido nas questões relativas à educação” (Hahner, 2003, p. 44-45).

Essa visão simplesmente refletia a mentalidade predominante desse período, onde o papel da mulher era visto como secundário ao homem, e sua principal função era cuidar do lar e dos filhos. A educação das mulheres era muitas vezes considerada desnecessária ou até mesmo indesejável, pois poderia interferir nas responsabilidades domésticas e na submissão ao marido. Assim, obedeci às expectativas impostas pela sociedade e pela minha própria formação, renunciando a qualquer aspiração educacional em favor do cumprimento do meu dever como esposa e mãe.

Cresci em um ambiente rural, minha infância foi marcada por um cotidiano de trabalho e responsabilidades domésticas desde muito cedo. As expectativas sobre a maioria das mulheres do meu tempo eram claras e limitadas: obedecer, cuidar da casa e dos irmãos mais novos, e eventualmente, casar e formar uma nova família. A educação formal era muitas vezes secundária para as meninas, pois a sociedade de então priorizava o preparo das jovens para os papéis tradicionais de esposa e mãe.

Essas limitações me deixaram marcas, de tanto reprimir minha fala, meus sonhos e desejos, tenho muita dificuldade na comunicação, gosta de escutar e dificilmente consigo me expressar em público, ou para pessoas que considero superior a mim. Assim, desenvolvi uma profunda resiliência e uma compreensão das dinâmicas sociais que regiam a sociedade a qual fui criada. A rigidez da educação que recebi, embora restritiva, também me concebeu uma disciplina e uma capacidade de enfrentamento que me acompanha até hoje. Reconheço que a educação patriarcal não apenas delineou o meu caminho, mas também modelou a minha percepção sobre a importância da igualdade de gênero e da necessidade de superar barreiras históricas para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária.

b) Processos formativos: motivações e desafios enfrentados na formação docente.

Ao se deparar na meia-idade a mulher passa a avaliar sua trajetória de vida, as oportunidades perdidas ou os sonhos não realizados. O desejo de continuar crescendo enquanto pessoa e ser humano a faz querer buscar novas chances que ficaram pra trás. É através dessa forte fase de reflexão sobre sua vida, que lhe vem a vontade de voltar a estudar e seguir uma profissão. Pois isso, representa uma chance de adquirir novos conhecimentos, habilidades e qualificação para perseguir seus desejos não realizados.

Quais motivos a levou a ingressar no ensino superior depois dos 40 anos?

Dediquei-me plenamente à gestão das minhas atribuições como dona de casa, seguindo sempre o imperativo de que, após o casamento, a mulher deve se dedicar exclusivamente à família. Mas com o passar dos anos, o crescimento do meu filho mais velho, percebi que, finalmente, poderia voltar a pensar em frequentar a escola. Pois apesar de amar muito minha família, sentia que me faltava algo, sempre gostei muito de aprender, e ter uma profissão era algo que me vislumbrava. Assim, percebi que era chegada a hora de lutar por aquilo que eu queria, estudar, pois sempre acreditei que através dos estudos conseguiria trazer de volta a minha autoestima, a minha independência. Com o apoio de outras amigas que, assim como eu, também voltavam aos bancos escolares, consegui concluir o Ensino Médio.

Por que escolheu um curso de licenciatura?

Costumo dizer que, foi a licenciatura que me escolheu. Cursar uma graduação fora de Caraúbas, estava fora de cogitação. Então com a possibilidade dos Núcleos Avançados da UERN na minha cidade, surgiu a oportunidade de finalmente cursar uma faculdade. E no Núcleo Caraúbas só ofertava Licenciatura. Assim, no ano de 2005, prestei vestibular e fui classificada para fazer Licenciatura em Pedagogia. Não posso dizer que era um

sonho de infância, mas no momento que comecei, senti que estava fazendo aquilo que era o certo para mim. Ser professora tornou-se a minha paixão. Tanto que, decidi cursar mais uma licenciatura, dessa vez em Letras Português. Só que dessa vez com outras especificidades.

Como você se ver no espaço acadêmico e como percebe que os outros a veem?

Sou uma pessoa que tenho muito complexo de inferioridade, principalmente no espaço acadêmico, sempre me sinto a que sabe menos, que tudo que falar, vai ser interpretado como besteira. Desde criança me acostumei a ficar quieta e calada, falar somente o que for necessário e responder o que for perguntado. Não consigo ser diferente, isso atrapalha muito o desenvolvimento com meus pares. Assim, não sou de muitas amizades e sempre sou a última a entrar nos grupos de apresentação de trabalho. As vezes chego a pensar que meus colegas de turma, acreditam que não sei nada dos conteúdos, estou ali somente ocupando espaço. Em apresentação de seminários então, para mim é uma tortura, visto ter que falar em público, algo que sempre tenho muita dificuldade. Sempre preferi fazer testes avaliativos, nos quais só preciso lidar com a folha de papel.

Como você se via antes do curso e como se vê agora como professora?

Antes de iniciar minha graduação, eu me via como uma mulher cheia de sonhos, mas sem grandes expectativas de realiza-los. Meu dia a dia era voltado para cuidar da minha casa, seguindo uma rotina sem muitas perspectivas de mudanças. Agora, como professora, minha visão de mundo se transformou completamente. Tenho uma profissão que amo, e isso me deu novas perspectivas e oportunidades. Eu me sinto mais realizada e confiante, e encaro o futuro com entusiasmo e otimismo.

Quais suas maiores dificuldades em ser professora depois da meia-idade?

Ser professora depois da meia-idade apresenta desafios únicos. A profissão exige muita flexibilidade e inovação constante em nossa prática pedagógica. Vivemos numa era em que competimos diariamente com a tecnologia, e envolver as crianças nos conteúdos curriculares pode ser um desafio, pois, para muitos, esses conteúdos parecem desinteressantes comparados às distrações digitais. Além disso, as crianças parecem mais agitadas, o que torna difícil para uma mulher da meia-idade acompanhar o ritmo deles.

Qual a perspectiva de futuro?

Continuar estudando e aprimorando meus conhecimentos. A cada dia, percebo a importância da formação continuada na profissão docente, pois tudo muda muito rápido e precisamos estar aptos a acompanhar essa evolução. Atualmente, meu objetivo é passar

em um concurso público, algo que ainda não tive a oportunidade de alcançar. Ser efetiva é um sonho aguardado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebo assim, que, “A formação é entendida como um processo de desenvolvimento e estruturação pessoal, influenciado pela maturação interna e pelas oportunidades de aprendizado e experiências vivenciadas” (Medeiros, *et al.* 2023, p. 4). Isso significa que o desenvolvimento humano não está restrito apenas ao ambiente formal de educação, ele é influenciado por diferentes combinações de fatores internos e externos que, aliados, favorecem para o crescimento e adequação do sujeito às adversidades.

Dessa forma, a formação da mulher de meia-idade resulta de um longo processo de desenvolvimento e estruturação pessoal, influenciado tanto por sua maturação interna quanto pelas diferentes oportunidades de experiências e aprendizagens vivenciados no decorrer de sua vida. Durante sua juventude, vivenciou sua formação inicial em ambientes educacionais formais, fator que constituiu a base de conhecimento e habilidades fundamentais.

Todavia, o desenvolvimento dessa mulher não parou por aí. Sua maturação interna, integrando seu crescimento psicológico e biológico, aliada às suas experiências de vida, como relações sociais, carreira, conquistas pessoais e desafios, contribuíram significativamente para formar sua subjetividade. Assim, a formação inicial é apenas o começo de um processo de contínuo crescimento, que perpassa as diferentes fases da vida dessa mulher.

Focar no desenvolvimento pessoal não apenas contribui para um bem-estar mais significativo, mas também promove uma realização contínua ao longo da vida. Segundo Robbins (1999), a busca por um papel que permita ao indivíduo aplicar suas habilidades é fundamental para alcançar essa realização pessoal. Além disso, o desenvolvimento faz bem em todas as fases da vida.

Considerando assim, a abrangência do que cerca esta discussão, ainda há muito sobre o que se discutir acerca dos vieses epistemológicos que abrangem essas discussões acadêmicas que traz em foco a mulher de meia-idade. Cremos que este artigo irá contribuir com os atuais estudos que já discutem a pauta da representatividade feminina com foco na sua emancipação enquanto mulheres.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, N. **Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro**. In: AGUIAR, Neuma (Org.) *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997. p. 161-191.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2010. p. 47-71. Disponível em:
https://www.academia.edu/6674293/Bogdan_Biklen_investigacao_qualitativa_em_educacao. Acesso em: 09 de julho de 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Portaria n.9, 14 de janeiro de 2013. Retificada no Diário Oficial da União n. 17, Brasília, DF, 24 jan.2013, seção 1, p.96. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jan.2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2012.

COSTA, C. B. da. Uma História Sonhada. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 52-65, 1997. Disponível em:
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7954/1/ARTIGO_Uma%20Hist%c3%b3ria%20Sonhada.pdf. Acesso em: 20 ago 2022.

HAHNER, J. E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

LEONEL, S. B.; GARCIA, Agnaldo. Mudanças Percebidas na Relações Familiares e de Amizade Por Mulheres de Meia-Idade Cursando a Universidade. *Interação Psicologia*. Curitiba, v. 20, n. 1, p. 39-48, jan./abr., 2016.

LIEBLICH, A.; TUVAL-MASHIACH, R.; ZILBER, T. **Narrative Research: Reading, Analysis and Interpretation**. Thousand Oaks: Sage, 1998.

MARGIS, R., & CORDIOLI, A. V. (2001). Idade adulta: Meia-idade. In Eizirik, C. L., Kapczinski, F., & Bassols, S. A. M. (Orgs.). *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed.

MEDEIROS, E. A.; GURGEL, V. F. A.; BEZERRA, J. B. S.; AMORIM, G. C. C. Formação de Professores no Brasil: um panorama sobre as pesquisas do GT 08 da ANPED (2015 - 2021). *REVISTA EDUCAÇÃO EM DEBATE*, v. 45, p. 1-21, 2023.

PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2006.

PERROT, M. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2015.

ROBBINS, S. Comportamento Organizacional. Rio de Janeiro, GB: LTC.
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: (1999).

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 507-514, Jun. 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rsp/a/qtCBFFfZTRQVsCJtWhc7qnd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 mai. 2024.

VIEIRA. Z. S.; SANTOS. C. S., OLIVEIRA. M. C. S. TORNAR-SE UNIVERSITÁRIA NA MEIA-IDADE: questões de gênero, reflexões necessárias. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade*. v. 3, n. 9, p. 1-15, jul./set. 2022. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed> ISSN: 2675-6889.

VILLEGAS, M. M.; GONZÁLEZ, F. E. La investigación cualitativa de la vida cotidiana. Medio para la construcción de conocimiento sobre lo social a partir de lo individual. **Psicoperspectivas**, v. 10, n. 2, p. 35-59, jun. 2011. Disponível em:
<http://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/viewFile/147/153>. Acesso em: 20 ago 2022.